

Parte 3 – Saberes, práticas e políticas na formação de professores  
**10. Educação e relações raciais: formação continuada de professores**

Iolanda de Oliveira  
Elson Luiz Barbosa Filho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, I., and BARBOSA FILHO, E.L. Educação e relações raciais: formação continuada de professores. In: SANGENIS, L.F.C, OLIVEIRA, E.F.R., and CARREIRO, H.J.S., eds. *Formação de professores para uma educação plural e democrática: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. Pesquisa em educação / Formação de professores series, pp. 221-242. ISBN 978-85-7511-484-1.  
<https://doi.org/10.7476/9788575114841.0012>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# 10

## Educação e relações raciais: formação continuada de professores

Iolanda de Oliveira  
Elson Luiz Barbosa Filho

### **Apresentação**

Este trabalho emerge do curso de formação continuada em nível de especialização, ministrado pelo Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – PENESB, intitulado *Educação e Relações Raciais*. O curso tem como objetivo geral oferecer a profissionais que atuam na educação básica a oportunidade de adquirir a qualificação necessária para uma atuação transformadora em face à condição do negro neste setor, estendendo a sua atuação a outros grupos colocados em situação de inferioridade, em busca da equidade educacional.

Nesta produção, são feitas algumas considerações sobre o tema racismo e sobre a sua necessária inclusão na formação acadêmica, devendo-se também incorporar nesta formação as teorias que comprovam a ausência de sustentação científica deste tipo de comportamento.

Recupera-se também neste trabalho a didática como ciência da educação, cuja função, entre outras ciências, é indispensável para que o processo educacional seja realmente um fator de promoção humana, contribuindo para romper com a permanente situação de inferioridade do negro neste setor, a despeito das políticas de ações afirmativas vigentes na educação brasileira contemporânea.

Como parte principal deste estudo, adentra-se nas particularidades da formação continuada oferecida pelo programa, que evidencia as formas pelas quais, conjugando as diferentes dimensões

da Didática, recorre-se a sua dimensão técnica, que é um aspecto desta ciência necessário para que as transformações pretendidas no âmbito das relações raciais em educação sejam materializadas. Por outro lado, reconhecem-se as contribuições de outros componentes curriculares para o alcance do objetivo proposto para o curso.

Apresentam-se, ainda, os resultados de um dos projetos de transformação desenvolvidos na Educação Infantil, em uma escola municipal do Rio de Janeiro, que evidencia as formas pelas quais o objetivo da formação continuada proposta pelo PENESB concretizou-se.

## **Introdução**

A rigor, toda a área de conhecimentos em sua produção deverá visar o bem-estar da humanidade e a preservação do planeta, a partir dos fatores que por sua relevância podem contribuir para o propósito anunciado. Entende-se que, mesmo no âmbito das denominadas Ciências Exatas e da Terra, esse deve ser o propósito de todo cientista na busca de novos saberes.

A racialização do mundo apontada por Octávio Ianni ultrapassa “as fronteiras geográficas, sociais, políticas e culturais das nações em todo o mundo” (Ianni, 1996, p. 8), atingindo a todos os setores de atividade humana e, particularmente, a educação. Provoca, assim, perturbações na vida social, que, racializada, exige de parte da humanidade a busca de conhecimentos, de práticas sociais e de políticas que visem à desconstrução dessa racialização.

Sabe-se que a Educação é um dos setores sociais fortemente atingidos pelo racismo. Setor este que, na verdade, deve ter como finalidade a promoção humana e ao qual compete desnaturalizar as situações sociais que provocam a subalternidade da população negra, o que significa comprometer-se com a construção

de relações raciais pautadas no respeito e, sobretudo, no diálogo entre os diferentes.

Se, por um lado, a educação escolar não é o único setor que deverá ocupar-se da desconstrução dos equívocos construídos socialmente sobre as raças humanas, o espaço escolar, no qual tais equívocos são projetados, diante disso, não se pode omitir diante da segregação racial mundial, com suas particularidades em nível nacional.

O Brasil, sendo atualmente o país mais negro do mundo fora do continente africano, tem as relações raciais perpassadas, ao longo dos séculos, com avanços e recuos a partir da colonização, pelas constantes evidências da coexistência do par opressão/resistência, sendo que esta última nem sempre emerge com a intensidade necessária para enfrentar as situações de racismo, quer seja em relação às medidas racistas oriundas do poder constituído, quer seja nas relações cotidianas e/ou institucionais.

Nas últimas décadas, assistimos no Brasil aos expressivos avanços das políticas públicas que visam a desconstruir as desigualdades raciais. Pode-se afirmar que, formalmente, principalmente no setor da Educação, a igualdade racial foi atingida. A partir da Constituição Federal de 1988, passando pela LDB de 1996, entre outras determinações legais, resoluções, diretrizes nacionais e planos, temos, a rigor, o alcance desse princípio.

Entretanto, no espaço da prática onde as transformações devem ocorrer, em busca da igualdade substantiva, temos uma realidade na qual a educação oferecida só excepcionalmente incorpora a busca concreta da igualdade racial. As medidas políticas para possibilitar um trabalho pedagógico comprometido com a igualdade só esporadicamente ocorreram, ameaçando as conquistas formais das últimas décadas. Diante de tal situação, indagamos: qual o papel da Didática na promoção da igualdade racial?

Recorremos, ainda, a esse componente curricular, sem abandonar as outras áreas de conhecimento pedagógico, entre outros motivos, por conta de nossa atuação ministrando aulas de Didática, de forma que temos, portanto, mais liberdade acadêmica para falar sobre este campo de conhecimentos, cuja contribuição para que se estabeleça uma relação de unidade teoria/prática é indispensável.

Esta ciência de caráter pedagógico tem espaço a partir da ação intencional de educadores para com os educandos. Cria-se, com isso, um conhecimento sistematizado, que emerge no século XVII com o educador Comênio, que visa a democratização do ensino, sem, entretanto, atentar para a necessidade de romper com o caráter transmissor dos conhecimentos, admitindo um método único e o ensino simultâneo.

Faz-se necessário ressaltar que, precedendo o movimento da Escola Nova, tem-se a disseminação do pensamento de Johann Friedrich Herbart, conservador que exerceu grande influência no pensamento dos educadores. Apesar de partidário de uma pedagogia tradicional, Herbart opõe-se à memorização sem a compreensão dos fenômenos e tem posição favorável à organização e estruturação dos processos de ensino. Sua posição conservadora é percebida por considerar que o ensino deve consistir em acumular ideias nos estudantes.

A partir da educação mediada pelo movimento da Escola Nova e, posteriormente, por uma pedagogia que enfatiza a relação entre o trabalho escolar e as classes sociais, têm-se, atualmente, uma pedagogia progressista que propõe uma educação comprometida com a promoção dos grupos socialmente rechaçados, entre os quais está a população negra. Este tipo de pedagogia desestabiliza a naturalização da condição de inferioridade de determinados grupos, respaldando a educação das relações raciais.

## **Recuperando o aspecto técnico da didática como recurso para a educação das relações raciais**

### **I – Considerações iniciais**

Para discutir o papel da Didática na educação das relações raciais, há de se determinar o seu âmbito e a sua abrangência. Inicialmente restrita à ação docente, a Didática amplia a sua abrangência, destacando-se a produção de alguns autores que incluem os projetos escolares como parte desta ciência da educação.

No período de ditadura militar no Brasil (1964-85), a educação fundamentou-se em uma pedagogia conservadora, de caráter tecnicista e, conseqüentemente, a Didática privilegiou o aspecto técnico com exclusividade, com o propósito de manter a situação vigente.

Nas últimas décadas, no entanto, constata-se uma reação à Didática tecnicista. É publicada nos anos 1990 a obra organizada por Vera Maria Candau intitulada *Rumo a uma nova didática*, na qual a organizadora critica uma didática puramente instrumental e propõe uma denominada fundamental, afirmando que “A perspectiva fundamental da Didática assume a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem e coloca a articulação das três dimensões, técnica, humana e política no centro configurador de sua temática” (Candau, 1993, p. 9).

Essa proposta provocou uma significativa mudança no âmbito da Didática. Percebe-se ao longo da nossa experiência com a formação continuada de professores que a dimensão técnica foi abandonada em grande medida, privilegiando-se o aspecto político, principalmente nas instituições públicas.

Como consequência do exposto, os egressos dos cursos de licenciatura, inclusive dos cursos de pedagogia, são desprovidos do domínio *do como fazer*. Em alguns casos, politicamente preparados, os licenciados, desprovidos dos conhecimentos técnicos para

elaborar os seus projetos de trabalho, mostram-se frágeis diante das imposições de órgãos superiores que determinam e supervisionam o seu fazer profissional, violando a sua autonomia profissional. Para o enfrentamento desta situação, entende-se que se torna necessária uma atuação docente que garanta o domínio dos conhecimentos pedagógicos e os conteúdos particulares das áreas de conhecimentos que ministrará, bem como a formação política sobre a educação, que deverá ter o papel de promover o homem, mas também a formação técnica sobre o como fazer.

Os docentes, não raro, são reduzidos a meros técnicos, executores de projetos dos quais não participaram da elaboração, renunciam a sua autonomia profissional, porque, entre outros motivos, tiveram uma formação didática desprovida do aspecto técnico.

Do ponto de vista da formação continuada de profissionais da educação, o Penesb,<sup>1</sup> percebendo tal omissão na formação inicial dos cursistas, propõe-se a recuperar o aspecto técnico da Didática de forma concomitante com os aspectos humanos, políticos, sociais e psicossociais, por meio da inclusão obrigatória no curso de especialização em Educação e Relações Raciais da elaboração, desenvolvimento e avaliação de um plano de transformação, que é o plano de curso de parte de cada cursista. Procura-se incluir nesse plano conhecimentos que explicam a condição da população negra na sociedade, sem abandonar outros saberes relevantes para a formação dos estudantes.

Outro fator para a proposta de recuperação do aspecto técnico da Didática nos cursos ministrados pelo programa requer também como fundamento a *pesquisa-ação* nos moldes propostos por René Barbié, que propõe o rompimento epistemológico com a pesquisa do tipo clássico e a realização de investigações a partir de projetos de transformação, no âmbito das ciências humanas.

---

1. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira.

Ressalta-se ainda que cada cursista elabora, como trabalho final, seu projeto de trabalho sob orientação de um professor que o acompanha durante a execução, avaliação e realização do relatório final do trabalho realizado, que deverá, entre outros aspectos, esclarecer quais os conhecimentos que emergem desta prática transformadora.

O comportamento observado nos cursistas diante da proposta de elaborar o próprio projeto de trabalho, com o propósito, entre outros, de desestabilizar o racismo, é o de estranhamento, de surpresa, como se a tarefa proposta não estivesse incluída no exercício da docência. Este comportamento evidencia a fragilidade da formação inicial, o que provoca certo conformismo diante da violência praticada pelos órgãos oficiais, ao impor programas de educação alheios a sua participação. A renúncia ao direito de planejar a própria prática compromete qualquer proposta de uma educação transformadora.

Neste trabalho, é pertinente destacar que o currículo, que surge nos primórdios do século XX, tem como determinantes as preocupações de educadores norte-americanos com a escola. Estamos diante de uma questão epistemológica no sentido de esclarecer qual o âmbito da didática e do currículo e suas possíveis interfaces. Sem ter clareza destas questões, ousamos considerar como espaço da Didática, não com exclusividade, a ação docente. Sem descartar a influência das atividades escolares para além da ação do professor no comportamento dos estudantes, consideramos que é a docência a grande responsável pelas transformações das relações raciais no âmbito da escola.

A partir da posição mencionada, o PENESB, sendo responsável pela formação continuada de profissionais que atuam na educação básica, elaborou uma proposta de formação com vistas à transformação principalmente das práticas docentes objetivando,



entre outras pretensões, recuperar o protagonismo do professor e resgatar sua autonomia pedagógica.

A proposta parte das seguintes situações:

- O esgotamento das pesquisas que comprovam com exclusividade a existência de práticas pedagógicas nas quais o racismo é evidenciado, mantendo-se no âmbito da denúncia;
- A pesquisa do tipo tradicional, em universos empíricos que se restringem à constatação, sem o comprometimento com as práticas transformadoras, o que nos parece antiético, sobretudo por transformar os docentes em objetos de especulação científica;
- O reconhecimento de que toda a prática produz saberes, os quais deverão ser detectados pelos docentes no sentido de buscar continuamente o aperfeiçoamento do seu trabalho para promover os estudantes, tendo em vista a sala de aula como o espaço de maior convivência dos alunos.

Vale mencionar que são as atividades que se realizam sob a responsabilidade docente que ocupam a maior parte do tempo em que o aluno permanece no ambiente escolar e este, portanto, é o lugar de maior convivência e interação entre os estudantes e onde efetivamente a igualdade formal tem maior chance de concretizar-se, não sendo desprezível o espaço institucional em sua totalidade.

É inegável que, sendo o lugar privilegiado da educação sistematizada, intencional e obrigatória de quatro a 17 anos, necessariamente a instituição escolar, a sala de aula, abriga a maior parte da população por um significativo período de suas vidas, oportunizando largamente uma formação que promova elevado percentual da população que passa pela instituição.

Com base nessa pesquisa, foi possível obtermos orientações, principalmente, pela proposta de *pesquisa-ação* apresentada por

René Barbier – sem abandonar aspectos da pesquisa do tipo tradicional. O curso ministrado exige que todos os cursistas elaborem um Projeto de Transformação, isto é, um plano de curso incluindo conhecimentos sobre o negro, entre outros. Desse modo, recupera-se a autonomia profissional do professor, que consiste na elaboração, desenvolvimento e avaliação do seu trabalho docente como um todo, paralelamente à orientação acadêmica que o acompanha em todas as fases deste processo.

A formação ministrada tem também como propósito garantir uma relação de unidade teoria/prática no processo educativo. Esta medida tem-se comprovado exitosa, com resultados extremamente relevantes.

Verificou-se em trabalhos anteriores e ainda comprovou-se não somente a grande contribuição dos trabalhos realizados para fortalecer a identidade racial dos estudantes negros, mas também para mudar a percepção dos alunos brancos em relação aos pretos e pardos, tornando as relações raciais dialógicas menos tensas e mais fraternas.

É importante notar que, com a ampliação do curso, foram apresentados em 2015 os resultados de 75 trabalhos de concluintes, após, em coerência com a atuação profissional dos cursistas, sua organização em cinco grupos. Tais cursistas foram orientados na elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos pedagógicos de transformação. Dentre os cinco grupos, quatro foram compostos por profissionais da educação básica e um formado por outros profissionais. Além disso, para a elaboração dos trabalhos, todos foram convidados a elaborar coletivamente roteiros mínimos para orientar a sua prática na realização do trabalho proposto.

Em síntese, com base na análise da produção dos cinco grupos compostos pelos professores orientadores e cursistas, propusemos também coletivamente, como obrigatório, um roteiro para a realização dos trabalhos propostos.

Para o grupo de profissionais que não atuam em educação, foram acordadas duas possibilidades: um trabalho caracterizado por um projeto de transformação ou uma pesquisa do tipo clássico, resultando em dois roteiros.

Paralelamente ao desenvolvimento dos trabalhos, foram elaborados relatórios parciais quinzenais e, no final do semestre, teve-se a elaboração do relatório final. Em ambos os momentos, os cursistas determinaram, gradativamente, os saberes oriundos das suas práticas transformadoras.

Nos trabalhos realizados, temos aspectos extremamente positivos, por transformarem as relações raciais na escola a partir da assimilação de saberes que desconstroem a ideia de inferioridade dos negros. Por outro lado, enfrentam-se as seguintes limitações:

- A não aceitação da metodologia da *pesquisa-ação* nos meios acadêmicos;
- As limitações dos cursistas oriundas da formação inicial, isto é, a frágil formação pedagógica dos licenciados, com exceção dos pedagogos, e a eliminação da dimensão técnica da Didática;
- O tempo do curso, que reduz as possibilidades de eliminar as lacunas da formação inicial e de garantir o domínio satisfatório de referenciais teóricos para serem confrontados com os dados do campo pesquisado.

## **2 – Apresentando os resultados de um dos 75 trabalhos realizados na Educação Básica e em outros espaços de trabalho**

Pretendia-se, inicialmente, apresentar pelo menos um trabalho de cada um dos cinco grupos nos quais os cursistas foram classificados. Entretanto, a riqueza e a complexidade das produções mono-

gráficas e o tempo disponível tanto para elaboração quanto para apresentação deste estudo exigiram a limitação de apresentar aqui apenas um, que selecionamos entre as produções sobre a Educação Infantil.

Desta forma, a seguir, apresentamos os resultados das realizações de uma concluinte do curso que atua nesse nível de ensino, pelos seguintes motivos: sendo a Educação Infantil uma necessidade dos grandes centros urbanos, é o período em que a instituição escolar deverá ter a pretensão de dar continuidade à formação iniciada na família, sendo este o momento em que se torna mais propícia uma educação para a promoção humana por sua precocidade, quando a ação pedagógica poderá ter caráter preventivo em relação ao comportamento dos sujeitos para com os diferentes, principalmente para com aqueles que são socialmente rechaçados, sendo alvo de estereótipos e de preconceitos; em segundo lugar, ao fazer a leitura do trabalho, percebeu-se que o mesmo pode constituir-se como referência para os outros níveis de educação escolar, inclusive para o ensino superior, com as devidas adequações.

Trata-se do trabalho intitulado *A literatura infantil e a busca de novos referenciais para a valorização da identidade negra*, realizado por uma professora de uma escola pública municipal do estado do Rio de Janeiro, em uma turma composta de 18 crianças com idade de três anos. A professora autodeclara-se negra e igualmente identifica todas as crianças como negras. Fazendo referência a sua auxiliar, não declara a cor desta.

A despeito das qualidades evidenciadas, o trabalho selecionado não foi apresentado nos moldes sugeridos para elaboração dos planos de curso, incluindo, no entanto, todas as partes de um trabalho científico de forma global, caracterizado por uma certa dispersão, mas incorporando um conteúdo extremamente significativo. O plano inclui de modo indiferenciado, por meio de itens, todas as partes determinadas para elaboração do plano de trans-

formação pedagógica, dando significativas contribuições para a educação das relações raciais.

Há um distanciamento, a princípio, do modelo elaborado coletivamente. Apresenta-se ora como previsão, ora como resultado do exercício docente, articulando em um todo os objetivos, conteúdos, metodologia, resultados e saberes evidenciados na prática transformadora, sem perder o mérito de um trabalho que deve ser apontado como referência para outras práticas educativas para a incorporação didática da educação para as relações raciais.

Com o propósito de manter fidelidade ao que foi produzido pela autora, ao mesmo tempo em que se pretende fazer a mediação entre o trabalho e o leitor, apresentamos largamente transcrições dos originais. Na parte inicial da sua monografia, a docente assim se expressa:

Ao colocar em prática meu plano de transformação, felizmente percebi que a Educação Infantil, segmento no qual atuo, é um lugar de ricas possibilidades. Neste segmento as crianças se encontram muito ansiosas para explorar o mundo e isso significa interagir com todos sem fazer diferenciações entre as pessoas. O meu trabalho serviu e servirá para fortalecer laços de amizades, solidariedade e garantir a manutenção do respeito pelas diferenças de cada um.

Em muitas situações, eu senti o peso da responsabilidade de levar novos conhecimentos, informações e atividades para tratar das questões raciais, sem provocar nas crianças um efeito contrário, uma vez que o objetivo maior foi despertar o olhar para as diferenças. Nos momentos em que de alguma forma a palavra diferença surgiu em minha sala de aula, foi tratada como novas possibilidades de aprendizagem, sempre com ênfase em aspectos positivos.

Dialogando com a teoria, a professora continua:

Em relação ao conceito de diferença, Tomaz Tadeu da Silva (2000) afirma que a identidade é marcada pela diferença, e continua, são princípios que se relacionam. As diferenças, principalmente entre grupos raciais, são consideradas mais importantes e valorizadas do que outras, sobretudo em determinados tempos e espaços, particularizando os fatos ocorridos na vida dos sujeitos.

Ainda segundo o mesmo autor, a professora transcreve:

A diferença é marcada em relação à identidade através de sistemas classificatórios que fabricam sistemas simbólicos por meio de exclusão. Por isso, tanto as diferenças quanto as identidades são construídas e não dadas e acabadas. Mas apesar deste fator, investimos nas identidades porque elas nos ajudam a termos uma compreensão sobre o nosso eu, a nossa subjetividade que envolve a psiquê humana (Silva, 2000, p. 116).

Percebe-se que há de parte da autora um empenho em dialogar com as produções pertinentes aos temas por ela selecionados para a dinâmica do seu trabalho, em um esforço que comprova um significativo domínio de teorias que dão sustentação às atividades que realiza.

Continuando o seu relato, a educadora assim se expressa:

A experiência de colocar em prática o meu trabalho ultrapassou as barreiras da frieza teórica para sensibilizar a minha prática pedagógica. Sensibilizar no sentido de apurar o meu olhar, em relação à realidade escolar na qual estou inserida, ao mesmo tempo em que ao mediar o contato dos meus alunos com saberes que antes lhes eram desconhecidos, tive também oportunidade de aprender e ainda rea-

valiar a minha prática de ensino à medida que as atividades do plano eram aplicadas.

Ao colocar em prática as atividades pedagógicas propostas na elaboração do meu trabalho, senti na pele o aspecto flexível que o planejamento e o currículo possuem, pois no decorrer das atividades precisei fazer muitas adaptações para facilitar a compreensão da minha proposta por parte dos meus alunos. Tais modificações também foram influenciadas pela necessidade de adequar as atividades aos recursos disponíveis na escola. As atividades extraclasse, entre outras, modificavam a rotina em sala de aula. Com as atividades relacionadas ao meu plano de transformação, foi possível perceber o quanto as crianças, mesmo as bem pequenas na faixa etária dos três anos, são observadoras e conseguem sinalizar que estão compreendendo o sentido de conhecer a diversidade em nosso meio social.

A relevância dos estudos propostos reside na ideia de proporcionar aos meus alunos o contato com a cultura e história que influenciaram a formação do povo brasileiro. A descendência africana está presente no cotidiano deles e de todos nós, por isso se faz tão necessário saber conviver com as diferenças, reconhecer possíveis situações preconceituosas, agir contra práticas de racismo e principalmente ter orgulho e respeito pelo seu pertencimento racial.

Percebemos que nestas falas destaca-se o olhar atento da professora para com a realidade, expressando o seu comprometimento com a verdade que emerge da sua prática, evidenciando o seu esforço para manter fidelidade ao que realmente ocorreu. O seu esforço de neutralidade aproxima-se do que Milton Santos denominou de “intelectual genuíno” (Santos, 1998), o qual busca a verdade independente de interesses particulares.

Em outro momento, a autora assim se expressa:

A educação infantil é um espaço privilegiado para cultivar as relações raciais harmoniosas, uma vez que os alunos não foram contaminados pelos estigmas do preconceito e da discriminação. O início da vida escolar da criança é o momento ideal para que as noções de respeito às diferenças, a diversidade, o racismo e a cultura sejam tratados para estimular nas crianças a vontade de querer conviver com seus colegas sem o estabelecimento da segregação.

A literatura na educação, nessa perspectiva, pode funcionar para a eliminação do racismo e das desigualdades.

Em momentos anteriores às atividades, a apresentação dos contos de origem africana, os meus alunos gostavam de histórias clássicas da literatura infantil, mas não encontravam nelas referenciais de personalidades negras para se identificarem. Ao colocar em prática as atividades propostas do meu planejamento anual de aulas, percebi um grande interesse pelos contos apresentados e uma notável participação das crianças em recontar as histórias, fazer comentários na rodinha. Até mesmo as que falavam pouco passaram a se expressar com mais facilidade por motivo da identificação com as histórias contadas.

Continuando seu relato, a professora afirma que havia expectativa inicial de contos clássicos de matriz eurocêntrica sobre princesas e castelos, ao que respondeu afirmando a existência de personagens pertencentes à realeza africana, o que provocou grande interesse e entusiasmo de parte das crianças.

Referindo-se a documentos oficiais, a autora comprova ter clareza da limitação dos mesmos, ao se restringirem à literatura, artes e história como espaços para estudos sobre a questão negra, demonstrando o reconhecimento da presença da dimensão negra em todas as áreas do conhecimento. Enfatiza o caráter



interdisciplinar do conhecimento, fazendo opção pela interdisciplinaridade no seu trabalho e esclarece: “Na educação infantil, a flexibilidade didática permite ao professor trabalhar a partir da literatura infantil, com a contação de histórias e as diversas áreas do conhecimento de forma integrada. Dessa forma, o aluno tem contato com o todo”.

Em seguida, relata que a partir da história *Bruna e a galinha d'Angola* trabalhou cores, formas, quantidades, tempo, espaço, lugar, distância e animais, envolvendo, portanto, não somente os conhecimentos sobre o negro, mas outros que são necessários para promover as crianças em sua formação mais global.

A profissional narra, a partir do recurso às histórias *Menina bonita do laço de fita*, *Bruna e a galinha d'Angola*, *As tranças de Bintou* e *O menino marrom*, os seguintes comportamentos:

Todas as histórias serviram de alguma forma para os alunos se olharem com mais carinho, respeito e identificação com o outro... Um fator que considero muito positivo foi a reação das crianças após a contação da história *Menina bonita de laço de fita*. Tanto as meninas quanto os meninos passaram a olhar-se com mais frequência no espelho passando a ter mais preocupação com a imagem. As meninas passaram a se admirar por mais tempo diante do espelho e os meninos passaram a perceber e a elogiar as meninas quando bem arrumadas, destacando-se a fala de um menino: Tia, as meninas ficam penteando o cabelo toda hora, elas querem ficar igual a menina do livro.

Apesar das críticas que são feitas à obra de Ana Maria Machado, *Menina bonita de laço de fita*, por intelectuais e militantes, a história provoca nas crianças comportamentos extremamente positivos. É recomendável aos críticos e à autora tomarem conhecimento dos resultados da leitura desta obra para as crianças e de-

terminarem a eliminação dos aspectos apontados como negativos nas próximas edições.

A interdisciplinaridade e a ampliação da visão de mundo das crianças a partir da ação docente da professora se comprova também por meio do relato que se segue:

As crianças pesquisadas embora fossem bem pequenas conseguiram de forma elementar fazer distinções e encontrar aspectos semelhantes em relação ao cotidiano delas com as imagens, fotos e histórias a elas apresentadas. Elas conseguiram perceber que o fenótipo das pessoas que habitam o continente africano é bem parecido com o delas e com outros brasileiros. E segundo um aluno “A África é ensolarada e faz calor que nem aqui”.

Ao apresentar uma foto extraída de uma notícia publicada pela ONU na qual mostrava crianças com grave desnutrição, os alunos afirmaram que as crianças da fotografia estavam magras porque “não comeram tudo o que a mãe manda”.

A professora afirma que “as crianças começaram a dizer que elas comem tudo o que a mãe manda, e por isto não são magras” e relata que aproveitou a oportunidade para falar sobre a escassez da comida em algumas regiões do mundo e sobre o desperdício da comida no Brasil. Evidencia também para as crianças que a miséria existe em várias partes do mundo, inclusive no país, falando sobre os bolsões de pobreza, o elevado custo dos alimentos e a escassez destes como problema mundial, provocando reflexões sobre o assunto e, dessa forma, a atitude mais correta seria não desperdiçar os alimentos, visto que eles estão com preços elevados e o desperdício deles seria um prejuízo para todos nós. E acrescenta:

O resultado da conversa com as crianças foi muito satisfatório eu e minha companheira de trabalho percebemos que os nossos alunos

passaram a comer com menos desperdício e até passaram a experimentar alimentos que antes se negavam a comer. Observamos no grupo uma mudança positiva nos seus hábitos alimentares. O plano de transformação trouxe para o grupo mudanças de *comportamentos que para a idade deles consideramos satisfatórias*.

Continua a docente:

Ao apresentar aos meus alunos histórias que tivessem como protagonistas personagens negros de animações, desenhos, contos infantis e histórias reais de homens e mulheres que na época em que viveram foram exemplos de resistência, luta e heroísmo, percebi nos meus alunos uma identificação quase que imediata e a maioria deles expressou grande admiração pelos feitos grandiosos contados a eles. Outra mudança observada na turma que vale à pena citar é o interesse cada vez maior por histórias e personagens que não precisam ser necessariamente dos clássicos da Disney. Nada contra eles, mas sempre achei importante que as crianças tivessem mais acesso a histórias que tenham referências culturais bem próximas à nossa, para que desde bem cedo aprendam a valorizar as contribuições dadas pelos nossos ancestrais africanos para a formação cultural do povo brasileiro.

Logo, entendemos que a interdisciplinaridade torna-se mais viável na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, por dois motivos:

- uma das questões se vincula à percepção infantil por seu sincretismo, por sua percepção mais global da realidade;
- o outro fator decorre da organização administrativo-pedagógica que determina um professor por turma, o

que facilita este tipo de trabalho, a despeito dos inconvenientes desta medida.

Assim, pode-se considerar que a fragmentação da realidade em áreas de conhecimento é uma deformação da mesma que é apresentada desta forma aos estudantes, e que se acentua cada vez mais por meio da especialização.

A especialização, sem exageros, é uma necessidade da sociedade contemporânea por motivo do acúmulo de conhecimentos. Entretanto, se por um lado torna-se impossível o acúmulo de todos esses conhecimentos por um só profissional, por outro torna-se necessário, isto sim, um trabalho interdisciplinar, não somente nas práticas educativas intencionais, mas na produção de conhecimentos, o que exige que as investigações sejam realizadas de forma interdisciplinar com a participação de pesquisadores com formação diferenciada. Na educação escolar, a presença de profissionais com as múltiplas formações é uma realidade, o que é uma situação favorável a um trabalho interdisciplinar.

Evidencia-se no trabalho realizado na Educação Infantil a rica dimensão de uma dinâmica educativa com este propósito. A questão negra é o centro do trabalho docente em estudo, mas a dinâmica desenvolvida pela profissional incorpora as diferentes interfaces dos conhecimentos sobre o negro e a sua vinculação a um contexto mais amplo, o que enriquece a formação dos estudantes e altera significativamente o seu comportamento.

### **Apreciação final**

Concluimos que o curso de especialização Educação e Relações Raciais proporcionou à então professora especialista nessa temática um relevante domínio das teorias pertinentes ao tema, e das diferentes dimensões da Didática, mesmo fugindo do modelo

elaborado coletivamente, fato este que pode ser creditado à não familiaridade com a prática de planejamento e de pesquisa, predominando no trabalho uma certa dispersão que leva a autora a não determinar itens específicos para classificar aspectos do seu trabalho. Entretanto, a professora consegue, com sua prática transformadora, alterar e relatar formas de comportamento infantil extremamente relevantes para a promoção humana e particularmente para a promoção da população negra com prováveis consequências na redução e mesmo na eliminação da discriminação e das desigualdades raciais, bem como para reduziros efeitos do racismo no psiquismo dos sujeitos.

Destaca-se que o comportamento dos meninos que passam a apreciar a beleza das meninas negras pode também futuramente contribuir para reduzir o quadro que afeta as mulheres negras que compõem o maior percentual das chefes de família sem cônjuge.

A ampliação da visão de mundo das crianças sobre o problema da fome que extrapola as fronteiras africanas é um dos aspectos mais relevantes do trabalho analisado.

No geral, observa-se que, sendo as crianças muito pequenas, a continuidade do trabalho tanto de parte da instituição escolar quanto das famílias se torna indispensável para que os saberes assimilados e as decorrentes alterações de comportamento permaneçam.

Vale ressaltar, então, no trabalho apreciado da autora, o domínio seguro de parte da teoria pertinente ao tema aliado à capacidade de fazer a mediação entre conhecimentos científicos e as crianças de três anos para a sua assimilação e mudança de comportamento. Evidencia-se, assim, a relação de unidade teoria/prática, que é uma das condições indispensáveis para colocar a ação docente a serviço da igualdade racial, sendo este um dos aspectos técnicos da Didática, como se percebe, atrelado a outras dimensões que caracterizam esta ciência.

Os demais trabalhos elaborados pela turma, ao todo 74, foram apreciados e apresentados oralmente, sendo todos considerados satisfatórios, após atendimento a recomendações de parte de um reduzido número de pareceristas.

Acredita-se que, pelos resultados obtidos, a formação ministrada tem como um dos fatores positivos a associação da formação acadêmica com a prática profissional dos cursistas, o que resulta no alcance de um dos propósitos do curso, que é o estabelecimento da relação de unidade teoria/prática, do saber e do fazer, condição necessária para que as transformações nas relações raciais passem da forma verticalizada para interações desprovidas de hierarquias.

## Referências

- CANDEAU, Vera Maria (org.). *Rumo a uma nova didática*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. (org.). *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- COMÊNIO, João Amós. *Didática Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.
- FAZENDA, Ivani (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. São Paulo: Papirus, 1998.
- IANNI, Octavio. “A racialização do mundo”. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v. 8, n. 1, pp. 1-23, São Paulo, mai. 1996.
- IX Simpósio de Didática das Ciências Sociais: os valores e a didática das ciências sociais*. Espanha: Universidade de Lleida, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos e ALVES, Nilda. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2012.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1996.
- NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

- OLIVEIRA, Iolanda e SACRAMENTO, Mônica. “Raça, didática, currículo e práxis pedagógica”. In OLIVEIRA, Iolanda (org.). *Cadernos Penesb*, n. 12, Niterói: Alternativa/EdUFF, 2013.
- PIMENTA, Selma Garrido. (org.). *Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Cortez, 1997.
- SANTOS, Milton. “O intelectual e a universidade independente”. *Revista USP*, n. 39, pp. 54-7, São Paulo, set.-nov. 1998.
- \_\_\_\_\_. *O intelectual e o dever da crítica*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH /USP, 1998. (Série Eméritos 1).
- \_\_\_\_\_. “Da discriminação à consciência coletiva”. *Cadernos Cidadão*, n. 9, p. 4, São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VASCONCELLOS, Celso. *Planejamento*. São Paulo: Libertad, 1995.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Repensando a didática*. São Paulo: Papyrus, 1991.